

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB
CURSO: PEDAGOGIA**

**A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO NAS
ESCOLAS ESTADUAIS E
MUNICIPAIS DE SOUSA E
NAZAREZINHO**

**ABILENE PEREIRA DE ANDRADE
VANIA SUELY ALVES
WANDIRLEUSA PINHEIRO SARMENTO**

CAJAZEIRAS(PB), DEZEMBRO/1995

**A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS E
MUNICIPAIS DE SOUSA E NAZAREZINHO.**

**Trabalho apresentado para
conclusão do Curso de
Graduação em Pedagogia,
Campos V da UFPB.
Orientador: Maria Alcides
Macêdo.**

CAJAZEIRAS, DEZEMBRO DE 1995

"Chegar a conclusão de um curso não é tudo, tudo é concluir consciente, capaz de erguer a 'Bandeira de Educar' gritar forte e espalhar o que aprendemos".
Wandirleusa

AGRADECIMENTOS

À Deus, porque ele sempre esteve do nosso lado, mesmo quando esquecíamos de sua presença.

Aos nossos pais, que sempre nos incentivou para vencer a batalha que se encerra.

Ao meu esposo e filhos, pelas infindáveis horas de estudo roubadas ao seu convívio.

À Alcides, pelo incentivo e orientação durante as etapas do trabalho.

SUMÁRIO

	Páginas
I - SITUANDO A QUESTÃO	06
II - A AVALIAÇÃO E SUA RETROSPECTIVA HISTÓRICA	08
III - OS PASSOS SEGUIDOS	12
IV - A DRAMÁTICA REALIDADE	16
V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
VI - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

I - SITUANDO A QUESTÃO

O tema deste trabalho é a "Prática da Avaliação Escolar nas escolas estaduais e municipais de Sousa e Nazarezinho.

Nossa pretensão é analisar a atual prática da avaliação educacional escolar na realidade educativa e no contexto sócio-econômico-político da sociedade brasileira e sua possível ultrapassagem por vias intra-escolares.

Pretendemos ordenar e sistematizar de forma mais orgânica e adequada esta análise e subsequente preposição de um modo de agir que possa significar um avanço para além dos limites dos quais se encontra demarcada hoje a prática da avaliação educacional em sala de aula. Portanto, esse trabalho descreve sobre a avaliação escolar especificamente.

É sabido que a avaliação tem sido objeto de críticas, e tem se constituído em arma do professor contra o aluno, que estes tem sofrido as mais severas penalidades no desenrolar do processo ensino-aprendizagem.

Nosso interesse em investigar "A Prática da Avaliação" surgiu a partir das leituras, estudos e discursões realizadas em sala de aula, nas mais diversas disciplinas e particularmente em Princípios e Métodos de Supervisão Escolar, onde evidenciou-se a necessidade de aprofundar a questão da avaliação no atual contexto educacional, não só a nível de

II - A AVALIAÇÃO E SUA RETROSPECTIVA HISTÓRICA.

Na tentativa de encontrar respostas ou melhor compreender as questões subjacentes à prática avaliatória, sentimos a necessidade de fazer uma retrospectiva histórica da origem da avaliação no contexto educacional brasileiro.

O termo avaliação tem uma longa história. A medida que o homem progredia na sua escalada em direção ao chamado progresso social, precisava evidentemente, avaliar os resultados obtidos, introduzir modificações ou aperfeiçoar o progresso.

Em educação, porém, sua história não é tão remota. Como idéia e como conceito aponta para uma descrição e para um julgamento de tudo aquilo que se processa dentro do cenário educacional. Poderá estar tentando descrever um programa total desenvolvido pela escola, um procedimento curricular, o progresso de um indivíduo ou de um grupo de indivíduo.

Como conceito, categoria ou classe, estaria a avaliação melhor situada dentro do instrumental que isola variáveis e busca seu controle dentro do processo. Dessa forma prevê, necessariamente, a seleção de alguns atributos que são importantes de serem julgados, pois são indicadores do valor do modelo a ser avaliado. Prevê, necessariamente, o desenvolvimento e a aplicação de recursos e procedimentos que possam descrever esses atributos selecionados de forma tão verdadeira quanto

precisa. Prevê ainda, a síntese das evidências obtidas por meio dos procedimentos usados numa proposição final de julgamento.

Os vários educadores e pesquisadores que se interessam pela avaliação como uma categoria oriental, sempre estiveram interessados nos diferentes aspectos da educação fenômeno. O termo para designar essa categoria apresentou vários significados. De início, porém, digamos que a avaliação é o processo que se refere ao conceito criterial e categórico que se aplica aos alunos, aos grupos de alunos ou ao currículo com a finalidade de orientar ou determinar alguns aspectos de currículo.

Dados Históricos

Como idéia, a avaliação dos resultados da escolaridade, do currículo e do planejamento, desenvolvidos pela escola, na década de trinta nos Estados Unidos e parece ter surgido como uma forma de reagir a concepção restrita e estreita de atribuição de notas como medida de trabalho escolar. Logo após o sistema de atribuição de notas, aleatoriamente atribuídas ao trabalho dos alunos, desenvolveram-se os testes educacionais com a tendência de focalizar a mensuração do conhecimento das aptidões escolares.

À medida porém, que se desenvolvia uma filosofia da educação, focalizamos o aluno apenas como um conjunto de habilidades e de conhecimentos, isto é, não apenas um conjunto de informações, os objetivos educacionais foram sendo ampliados, os testes como instrumentos de

medidas, rígidos e ampliados "objetivamente" foram perdendo sua razão de ser e sua força dentro da prática educacional.

Passaram então os educadores a ampliar a forma de chegar à estimativa de trabalho escolar incluindo nas suas preocupações atributos tais como atitudes, interesses, idéias, formas de pensar e de trabalho, assim como a adaptabilidade pessoal e social tanto dos professores como dos alunos.

Na década anterior à segunda guerra Mundial, vários projetos agora dentro do novo enfoque previsto em educação, de não apenas medir resultados mas de buscar melhores informações sobre os aspectos colaterais do processo que interferia, melhorava ou prejudicava, rendimentos pelos educadores e pesquisadores da época. O mais famoso deles todos foi o Estado de Oito Anos patrocinado pela associação de Educação Progressiva. Este projeto fundamentou-se na contribuição de trinta e duas escolas secundárias e de Universidades. A informação coletada, ao longo do processo educacional, a introdução de idéias novas, tanto nos instrumentos como nas técnicas de avaliação, constitui, até o momento, uma sólida referência no desenvolvimento do planejamento e surgimento de novas técnicas de avaliação.

Posteriormente a II Guerra Mundial, continuaram os estudos e as preocupações com as inovações e introduções de técnicas no processo de avaliação educacional. A maior tendência encontrada nessa época foi a mudança no interesse pela pesquisa dirigida para o desenvolvimento de novos e melhores procedimentos de avaliação, para a idéia de pesquisa-ação, cuja orientação era permitir maior envolvimento do pessoal que

trabalhava nas escolas, com a finalidade de melhorar, também, dessa forma o processo de avaliação educacional.

Os aspectos mais importantes a serem ressaltados neste momento de história das idéias em avaliação foram o interesse centralizado na auto avaliação, as listas de verificação (check lists) e manuais de orientação, tanto para auxiliar o professor como a própria escola a verificar a sua própria situação, num sentido de avaliação.

A tendência para esta auto-avaliação parece ter produzido bons resultados. Sem dúvida alguma foi um progresso extraordinário, que se considera como eram atribuídas notas ou como eram testados, os alunos. Evoluindo de medida de escolaridade para incluir, também, a própria escola e o seu instrumento de trabalho curricular, chegou a tendência de sensibilizar o pessoal da escola para as suas próprias deficiências e encorajá-los a fazer inovações para melhorar suas condições e seus próprios recursos.

Mesmo considerando a avaliação de critério categorial proposto pelos instrumentos de medidas, para uma atividade de abertura para a educação na sua totalidade, não se pode dizer que se tenha chegado ao desenvolvimento de instrumentos de avaliação tecnicamente superiores aos anteriores.

III - OS PASSOS SEGUIDOS

O trabalho que ora apresentamos intitulado "A prática da Avaliação nas Escolas estaduais e municipais de Sousa e Nazarezinho", tem como objetivos:

Geral: refletir e analisar a prática da avaliação nas escolas estaduais e municipais de Sousa e Nazarezinho;

Específicos: desenvolver um estudo teórico a cerca da avaliação educacional no Brasil;

- Caracterizar a ação avaliativa nas escolas hoje.
- Traçar um paralelo entre a prática da avaliação atual e os anseios apresentados por alguns professores.

O estudo tem como princípio básico um levantamento bibliográfico da avaliação, onde buscamos o embasamento teórico da problemática em questão.

Colhemos informações sobre a ação avaliatória, no que diz respeito às suas contribuições no processo educativo, bem como uma pequena análise acerca dessa prática nas escolas públicas estaduais e municipais.

Este desenvolveu-se na rede pública estadual e municipal de 1ª. grau nas cidades de Sousa e Nazarezinho, no período de agosto a dezembro do ano corrente.

O estudo foi realizado diretamente com os professores das escolas em referência, para que pudessemos deter maiores informações a

cerca da avaliação. Para isso utilizaremos instrumentos metodológicos de pesquisa científica que favoreçam uma coleta de dados mais precisa através das observações.

As referidas escolas situam-se na zona urbana da cidade de Sousa e a outra na zona Norte da cidade de Nazarezinho, ambas contando em seu espaço físico entre cinco salas de aula; uma sala onde funciona a diretoria e a secretaria; uma sala de professores; uma biblioteca; uma cozinha; dois banheiros, sendo um masculino outro feminino; um pátio coberto e um pequeno almoxarifado. Estes ambientes estão em bom estado de conservação e funcionamento, contudo a mobília é precária. Funciona nos dois turnos: manhã e tarde e conta com dezenove(19) professores e onze (11) funcionários, num total de 304 alunos matriculados nos dois turnos, isso nas duas escolas visitadas.

Após essa etapa, passou-se as conversas informais com os professores e constatamos por parte dos mesmos a inibição no que diz respeito a nossa permanência em sala de aula, causando assim um pequeno atraso no desenvolvimento do trabalho.

Logo após justificar-mos a necessidade da nossa permanência na sala de aula, concordaram em nos ajudar a desenvolver o nosso trabalho.

O primeiro momento do nosso trabalho foi as observações propriamente ditas, com o objetivo de captar como se processa o trabalho dos professores em relação a questão a avaliação, como eles avaliam os seus alunos, quais os instrumento da avaliação que utilizam com mais frequência.

Ao chegarmos nas salas de aula os professores explicaram aos alunos o motivo da nossa presença. Ao término das apresentações,

dirigimos para as últimas cadeiras, afim de observarmos melhor todos ali presentes.

O professor trabalha em cima de aulas expositivas, não conseguindo prender por muito tempo à atenção dos alunos, ficou evidente também a não participação dos alunos, visto, que as aulas se constituia de exposições e que os professores não suscitavam a participação dos mesmos.

As aulas transcorreram normalmente, sempre da mesma maneira, já que o professor não consegue dar uma dinâmica nova a turma a seu turno, os alunos também não se interessam muito pelas matérias, tornando a aula cansativa e desinteressante.

Cada observação teve a duração de 30 minutos por cada sala de aula.

Em outro momento, o professor movimentou a aula estimulando a curiosidade de alguns alunos, conseguindo tornar a aula mais agradável.

Coletadas as informações, fizemos a interpretação das mesmas submetendo-as a uma análise qualitativa no sentido de identificá-las de acordo com a fundamentação teórica que dá suporte a avaliação.

Tivemos a oportunidade de comemorarmos juntos o dia do mestre, onde na ocasião distribuimos mensagens aluzivas ao dia do professor e logo após fizemos uma pequena reflexão em cima dos textos entregues, onde essa reflexão foi por demais valiosa.

Para a completa realização do nosso trabalho optamos por seminários, pela distribuição de textos (anexos), e posterior debates, sempre com o objetivo de tentar mudar esta atual prática da verificação.

Os textos foram trabalhados de forma descritiva, retratando os acontecimentos com perspectiva crítica, sempre com duração de 120 minutos, onde os professores reunidos falaram sobre a sua prática, as dificuldades encontradas, entre outros. Também conversamos com os professores a respeito da avaliação como um processo amplo, contínuo e integral, onde os mesmos se mostraram interessados em encontrar as falhas e tentar superá-las.

Ao término dessa etapa, realizou-se mais uma conversa informal com os professores na qual convidamos uma palestrante Maria do Socorro Andrade atual professora de Didática e funcionária da 10ª. Região de Ensino de Sousa, onde conversamos a respeito da avaliação, e todos tinham o direito de falar as suas experiências do cotidiano e na ocasião a palestrante propôs mudança com sugestões dentro da perspectiva Construtivista.

Chegamos ao final com uma pequena confraternização, onde reunimos todos os professores em uma só escola, e nos despedimos com muita satisfação e consciente do dever cumprido.

IV -

A DRAMÁTICA REALIDADE

O ato de avaliar ainda está intimamente ligado, infelizmente, à questão aprovação/reprovação. Para muitos professores a prática da avaliação (ou melhor da verificação) está vinculada à medição da quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos. Avalia-se para dizer quem "passa" e quem "permanece", para classificar o aluno em bom/ótimo/ruim ou 10,0/5,0/zero. Para fazer julgamento final (mensal, bimestral, semestral, anual).

Embora a maioria dos professores adote este tipo de comportamento para com o aluno, percebe-se que a avaliação tem sido até hoje, na maioria dos casos, sinônimos de "exame" e este tem constituído praticamente o único estímulo do aluno para estudar, com o único objetivo o de alcançar o famoso "dez".

O que tivemos a oportunidade de observar nas salas de aula a maioria, dos professores utilizam a avaliação como um fim, quase exclusivamente com objetivos promocionais e disciplinadores.

Mesmo procurando inovar, o professor ainda não tem dado a importância necessária que a avaliação deve possuir dentro do processo de aprendizagem. Ele dá a matéria, aplica prova escrita, atribui nota e encerra o ato de avaliar. Desta forma não tem idéia do processo. A nota torna-se um imperativo, servindo apenas para um resultado parcial, que muitas vezes é usado erroneamente pelos professores. Muitos deles não tendo uma postura crítica daquilo que ensinam, da forma como ensinam e também não tendo

clareza ampla dos problemas que envolvem a avaliação, utilizam-na com objetivos classificatório e competitivo.

Isto ocorre porque, na maioria das salas de aula, o que se ensina aos alunos, ou seja, os currículos, têm-se mostrados inadequados à realidade em que estão enseridos. Além disso exigem dos alunos um comportamento robotizado, vegetativos, além de exigir também uma memória prodigiosa nas provas. Este tipo de comportamento dos professores descaracteriza a avaliação passando a ser vista pelos alunos como algo que existe para alunos como algo que existe para punir, inibir e cobrar. Não é assim que a avaliação deve ser encarada. Não pode servir como arma do professor contra o aluno e o aluno não pode vê-la como instrumento estranho ao processo ensino-aprendizagem.

Segundo Cipriano Carlos Luckesi a avaliação deve ser o momento de questionar, de problematizar, de "hipotetizar" o que já foi visto. O professor deverá criar formas de avaliações que levem em consideração o raciocínio do aluno, sua capacidade de produzir novos conhecimentos e de se auto-avaliar. Desta forma, a avaliação, cumpre seu papel no processo de ensino-aprendizagem e estabelece novos caminhos. Assim, a própria avaliação torna-se mais um momento de aprendizagem. O caminho do professor que avalia é de reavaliar a aplicabilidade de seu método, de suas avaliações e de sua postura enquanto educador.

Vale a pena lembrar que avaliar não é dar somente provas escritas.

O professor deve estar atento para não correr o risco de empobrecer o seu processo avaliatório, aplicando só um tipo de instrumento.

Estando claro para o aluno que a avaliação está presente em todo o processo, ao aplicar uma avaliação específica, o educador deve utilizar várias formas de avaliar. Ora aplicando provas escritas, que por sua vez podem ser preparadas de várias maneiras (solicitando do aluno identificação, comparações, análises de texto, aplicando chamadas orais que podem levar o aluno a expressar suas opiniões, levantar hipóteses, contruir novas questões, ora avaliando através de sua participação e atuação e além, é claro, de sua auto-avaliação.

Nesta mesma perspectiva de encarar a avaliação como um processo, o professor deve estabelecer, desde o início, os objetivos, tanto no que se refere a atitudes, como nos referentes ao conhecimento. Deixe claro para o aluno o que você pretende. Abra-se ao diálogo, discuta com os alunos os objetivos. E então, uma atitude de quem não está sozinho e de quem trabalha com o grupo, comprometa-se e os faça comprometer. No cumprimento e na afetivação desses mesmos objetivos.

Enfim, mudar o ritual da avaliação, deixando de encará-la como um fim em si mesmo e vendo-as como um meio no processo de construção do conhecimento, significa dar um grande passo, a mais na mudança pedagógica das escolas do nosso país. É estar a caminho de uma educação, comprometida com o educando.

Respostas dadas por grupos de 3 a 5 professores da pré-escola à Universidade reunidas em seminários na cidade de Pelotas- (RS, out/91).

Porque avaliar?

- * Porque o aluno precisa de uma nota;
- * Para medir conhecimentos;
- * Porque o sistema exige;

- * Para verificar o rendimento do indivíduo;
- * Para saber o que o aluno aprendeu;
- * Para saber se o objetivos foram alcançados pelos alunos;
- * Para saber o nível de conhecimentos do aluno;
- * Para constatar o grau de aprendizagem ou conhecimentos;
- * Para dar uma resposta aos pais;
- * Para controle de processo;
- * Para garantir a eficiência do processo ensino-aprendizagem;

CONSIDERAÇÕES FINAIS OK

Após o término deste trabalho, chegou-se a conclusão de que este estágio foi de grande importância, pois irá servir de experiência para futuros trabalhos a serem realizados, bem como para uma melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem.

Teve-se a oportunidade de observar as aulas do professor, entrevistá-lo e realizar conversar com a direção e os alunos.

Não se teve nenhuma dificuldade em desenvolver essa atividade, pois, todos mostraram-se gentis em atender-nos para a realização deste.

Sentiu-se a necessidade de se fazer urgentemente uma reformulação em torno da avaliação, para uma melhor aprendizagem. Transformar esse ensino tradicional num ensino Renovador onde se busque trabalhar os conteúdos dentro de uma perspectiva crítica, mostrando os fatos como verdadeiramente aconteceram, procurando dessa forma desmistificar os conteúdos e os mitos. Procurando criar uma melhor harmonia em sala, estimulando o interesse dos alunos pelas disciplinas, fazendo dessa um lugar onde se produz conhecimento, tomando assim consciência da sua importância e do papel que esta ocupa na nossa vida.

Sujere-se ao professor que procure realizar gincanas em sala, onde os alunos brincando, realizem estudos sérios de grande proveito. Pode-se também convidar um outro professor, afim de que profira uma pequena palestra em torno da Avaliação. Tentar fazer com que os alunos

produzam um texto, dando assim início a produção do seu próprio conhecimento.

Dessa forma tornar a Avaliação um processo amplo, contínuo e integral de forma conscientizadora.

Sujere-se aos professores que procure sempre trabalhar nessa linha estimulando os alunos a desenvolver um bom trabalho; até aqui.

Rejeitando uma pedagogia analiticamente identificada como reprodutora do sistema social, optamos por uma pedagogia voltada para a transformação. Para tanto, essa pedagogia deve estar centrada no ser humano enquanto ser político e, em consequência disso, ser ideologicamente definida. Para executá-la, é preciso uma relação democrática entre educador e educando, dando atenção a dois elementos básicos do processo cultural - a continuidade e a ruptura no processo de elevação cultural. Para tanto, a didática necessita agir politicamente no planejamento, na execução e na avaliação do ensino.

A avaliação exercerá adequadamente o seu papel na medida em que ela esteja articulada com o conteúdo proposto para educação. Ela deve possibilitar verificar se esse conteúdo está sendo cumprido adequadamente.

Lembrando que Snyders disse que o conteúdo define a proposta pedagógica, a avaliação deverá estar a serviço dessa proposta. Se está clara a definição do "ser humano que se quer formar", a avaliação tem por objetivo subsidiar esse esforço. Como processá-la dependerá desse conteúdo, desde que ela não pode existir independente dele. Ela tem sido autoritária exatamente porque tem-se dado de forma desvinculada dos conteúdos pedagógicos.

IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MARTINS, Joel. Avaliação: seus meios e fins. Educação e Avaliação, São Paulo, (1): 84, 95, 1984.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação Educacional escolar: para além do autoritarismo. ANDE, São Paulo (5): 47-51, 1986.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 3a. edição Paz e Terra.
- HOFFMANN, Jussara. Mito e Desafio: Uma perspectiva construtiva, 14a. edição.
- OLIVEIRA, Denize Pereira Torres. Avaliação em alfabetização: quantidade x qualidade. In: Tecnologia educacional. Rio de Janeiro, v. 19(95/96) : 15-18 Jul/out. 1990.
- VIANNA, Heraldo Marelím - "Testes em Educação" - Rio de Janeiro - IBRASA/FENAME - 1976.

- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública.
São Paulo, Edições Loyola, 1984.

- Avaliação e Aprendizagem. Raízes e Asas.

* A N E X O S *

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE PADAGOGIA**

TÍTULO: AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

**ABILENE PEREIRA DE ANDRADE
VANIA SUELY ALVES
WANDIRLEUSA PINHEIRO SARMENTO**

CAJAZEIRAS, OUTUBRO DE 1995

ÍNDICE

I - TÍTULO

II - JUSTIFICATIVA

III- REFERENCIAL TEÓRICO

IV- DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

V - OBJETIVOS

5.1. Geral

5.2. Específicas

VI - METODOLOGIA

VII - CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

VIII- BIBLIOGRAFIA

IDENTIFICAÇÃO:

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

PROJETO A SER EXECUTADO NAS ESCOLAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS DA ZONA URBANA DAS CIDADES DE NAZAREZINHO E SOUSA-PB.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

ABILENE PEREIRA DE ANDRADE

VANIA SUELY ALVES

WANDIRLEUSA PINHEIRO SARMENTO

O PROJETO TERÁ A DURAÇÃO DE 06(SEIS) MESES.

III -

REFERENCIAL TEÓRICO

Podemos definir a avaliação escolar como um componente do processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos propostos e, daí, orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.

De forma sistemática e até ponto progressista, a avaliação escolar cumpre pelo menos três funções:

A função pedagógica-didática se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Ao se comprovar sistematicamente os resultados do processo de ensino, evidencia-se ou não o atendimento das finalidades sociais do ensino, de preparação dos alunos para enfrentarem as exigências da sociedade, de inserí-los no processo global de transformação social e de proporcionar meios culturais de participação ativa nas diversas esferas da vida social.

A função de diagnóstico pela qual se apura se o aluno possui ou não conhecimentos ou habilidades consideradas relevantes ou apresenta as condições necessárias para iniciar, acompanhar ou concluir um curso. Além disso, o diagnóstico identifica as deficiências que devem ser eliminadas ou as distorções que devem ser corrigidas.

A função de controle da aprendizagem, que tem por fim, fazer com que tanto o aluno quanto o professor fiquem sabendo se os objetivos pré-estabelecidos foram atingidos. Com essa informação poderão ser tomadas providências para melhorar o ensino.

As teorias relacionadas com a avaliação escolar, são ilusórias se comparadas com a realidade que nos cerca. Na teoria tudo é bonito e belo, mas na prática as funções são esquecidas, e no lugar delas aparecem outras funções burocráticas e tecnicista e acima de tudo tradicional.

O mais é tomar avaliação como ato de aplicar provas, atribuir notas, classificar alunos. O professor avalia os alunos pelo mérito individual. Utiliza a avaliação

Queremos que a avaliação deixe de ser reduzida à cobrança daquilo que o aluno memorizou e passar a ser um instrumento de desenvolvimento intelectual, social e moral, transformando este aluno num ser criativo.

II -

JUSTIFICATIVA

No decorrer de toda a história, através de relatos, textos, livros, revistas e experiências próprias, sabemos que a avaliação vem causando dissabores e traumas para o alunado, é tido como bicho-papão.

O porquê disto tudo?

Durante toda nossa vida escolar, somos avaliados das mais diversas formas e nas séries do primeiro e segundo graus, por não termos ainda uma visão crítica acerca das coisas, não questionamos e aceitamos passivos as avaliações que nos são jogadas e impostas pelos professores.

O que nos levou a colocar a avaliação em discussão, é o fato de que, devido aquisição de conhecimentos e visão crítica acerca dos fatos que nos cercam, não podemos aceitar que avaliação seja uma punição, uma quantificação, um medir ou testar para o aluno.

Esta discussão deve levar uma mudança deste quadro a qual fomos e somos vítimas, uma vez que, avaliação segundo CIPRIANO CARLOS LUCKESI (1990), é um apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre seu trabalho e não a tomar a avaliação unicamente como o ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos, reduzindo-se a sua função de controle.

Foram escolhidas escolas estaduais para a execução do projeto, por ser nestas escolas onde os alunos são mais prejudicados, pois os professores, considerando-se a autoridade máxima fazem o que querem da avaliação, avaliando os alunos de forma errada e arbitrária sem levar em consideração os princípios e critérios que regem a verdadeira avaliação, considerando a mesma um fator isolado e acabado do processo ensino-aprendizagem.

Os professores avaliam de forma aleatória, sem saber com clareza o que vai ser avaliado: tem que deixar claro que a avaliação não é um fim, mas um meio, um processo contínuo e inacabado.

como recompensa aos bons alunos e punição para os indisciplinados. As notas se transformam em armas de intimidação e a ameaça para uns, e prêmios para outros. Os professores rejeitam as medidas qualitativas de aprendizagem em favor dos dados qualitativos.

A avaliação tem que deixar de ser um mecanismo estático de aprovação ou reprovação, e aproveitar o máximo as potencialidades individuais numa constante aferição e revisão do próprio ensino. A avaliação do rendimento escolar deve centrar-se no entendimento que as capacidades se expressam no processo da atividade do aluno em situações didáticas. Por essa razão, é insuficiente restringir as verificações, provas no final do bimestre.

IV -

DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Durante um certo tempo, o termo avaliar foi usado como sinônimo de medir. Isso aconteceu principalmente na década de quarenta devido ao aperfeiçoamento dos instrumentos de medidas em educação, incluindo o grande impulso dado à elaboração e aplicação de testes. Mas essa abordagem, que identificava avaliação como medida, logo deixou transparecer sua limitação: que é nem todos os aspectos da educação podem ser medidos.

A partir de 1960, o termo avaliação tornou a aparecer com destaque na literatura especializada, assumindo novas dimensões. Isso se deve principalmente, aos grupos de estudos que foram organizados nos Estados Unidos, nessa década, para elaborar e avaliar novos programas educacionais. Portanto, o termo "avaliar" voltou a destacar-se principalmente, na esfera da avaliação de currículo expandindo-se depois para as demais áreas, como é o caso da avaliação do processo ensino-aprendizagem.

Embora os educadores proponham definições diferentes de avaliação, as várias conceituações nem sempre se contradizem. Pelo contrário no maior número de vezes se completam, porque cada uma delas salienta um aspecto importante do problema. Um autor aponta o fim da avaliação, outro descreve o processo pelo qual se afere o rendimento, outro ainda analisa os instrumentos de medida.

"Avaliar em educação significa descrever algo em termos de atributos selecionados e julgar o grau de aceitabilidade do que foi descrito". Thorndike e Hagem, (1960)

O que deve ser qualquer aspecto educacional: um programa escolar, um procedimento curricular ou o comportamento de um grupo.

"Avaliação significa atribuir um valor a uma dimensão mensurável do comportamento em relação a um padrão de natureza social ou científica." (Bradfield e Moredock, 1963).

A avaliação educativa é um processo complexo que começa com a formação de objetivos e requer a elaboração de meios para apurar e interpretar resultados de modo que se possa saber em que medida os objetivos foram alcançados.

A avaliação é um método de adquirir e processar informações necessárias à melhoria do ensino e da aprendizagem. É um processo para determinar em que grau os alunos estão se desenvolvendo. Como dizem Bloom, Hasting e Madaus (1971), é um sistema de controle de qualidade que permite apurar, etapa por etapa do ensino-aprendizagem se o processo está sendo ou não efetivo e, caso negativo, que mudanças devem ser introduzidas. A avaliação procede a uma coleta sistemática de dados por meio dos quais se determina em que medida ocorreram alterações no comportamento dos alunos em função dos objetivos educacionais. São muitos os questionamentos acerca da avaliação escolar: O por que da avaliação ser uma arma do professor contra o aluno?

Por que será que ao se preparar para uma prova os alunos sentem ansiedade, medo, insegurança?

O por que da avaliação ser elemento de discriminação e distinção do problema para com os alunos em sala de aula?

Diante de tantos conceitos e questionamentos, sobre o problema apresentado, queremos investigar os fatores à nível geral que interferem na avaliação, bem como descobrir até que ponto, os fatores internos e externos prejudicam ou ajudam os alunos na aprendizagem, e ainda o por que de os professores insistirem em processos errados de avaliar os alunos.

5.1. Geral

- Tentar melhorar a qualidade da avaliação escolar.

5.2. Específicos

- Discutir os verdadeiros critérios da avaliação tendo em vista uma atualização de alunos e professores.
- Sensibilizar os professores para função pedagógica da avaliação.
- Trabalhar as características da avaliação escolar, tendo em vista uma conscientização do seu importante papel para o ensino-aprendizagem.
- Perceber o comportamento de alunos e professores com relação a avaliação escolar.
- Tentar mostrar a importância da avaliação como instrumento de desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos.
- Diagnosticar com a escola e o próprio professor estão contribuindo para o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos.
- Tentar mostrar que a avaliação ajuda na auto-percepção do professor.

VI - METODOLOGIA

A pesquisa-ação vai ser o carro chefe da nossa pesquisa, porque na medida em que formos adquirindo os dados, vamos tentar mudar esta realidade.

Como preocupação central, tentaremos indentificar os fatores que determinam ou que contribuem para ineficiência ou eficiência da avaliação escolar, além de explicar a razão e o porquê deste problema.

Assim adotaremos os seguintes procedimentos para desenvolver este projeto: observação simples, entrevista informal, questionários, debates, discursões e intercâmbios de experiências.

Usaremos a *observação simples* como técnica, para observarmos fatos isolados, como por exemplo: aplicação de uma prova.

Em seguida, usaremos a *entrevista informal* e os *questionários* para obtermos uma visão global dos fatos.

Diante dos resultados ou dados adquiridos, faremos *debates e discursões* em busca da solução dos problemas que interferem na avaliação; estes debates servirão para uma conscientização da importância da avaliação escolar para o ensino-aprendizagem.

O *intercâmbio de experiências*, servirá para aproximar professor e aluno na busca de um melhor relacionamento em sala de aula.

O nosso projeto visa além de saber os fatos, tenta mudar esta realidade, visando uma melhoria da avaliação escolar, bem como do ensino como um todo.

VIII -

BIBLIOGRAFIA

LIBANEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cartez, 1992
(coleção magistério - 2ª Grau. Série formação do professor).

PILETTI, Claudino. Didática Geral. São Paulo, Ática 1989.

LUCKESI, Cipriano Carlos, Prática Docente e Avaliação.
Rio de Janeiro: ABT - Estudos e pesquisas, 1990.

CHAGAS, Valmir. Educação Brasileira: o ensino de 1. e 2. Graus - Antes, Agora e Depois? São Paulo, 1982.

FICHA DE RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE SUSPENSÃO ESCOLAR					
DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE/METODOLOGIA	RECURSO	TEMPO
05/09	13:00 às 15:00h	Esc. Est. de 1. grau Manoel Mendes(Nazar)	Conhece a escola, direção, funcionários e professoras	conversa, informal	2 horas
04/09	"	Esc. Mun. de 1. grau Maria Aurita	" " "	" " "	" "
11/09	"	Esc. Est. Manoel Mendes	observações na sala de aula	---	30 min.
14/09	"	Esc. Mun. Maria Aurita	" " "	---	"
15/09	"	Esc. Mun. Maria Aurita	" " "	---	"
19/09	"	Esc. M. Mendes	" " "	---	"
20/09	"	Esc. Ma. Aurita	" " "	---	"
22/09	"	Esc. Ma. Aurita	" " "	---	"
25/09	"	Esc. M. Mendes	" " "	---	"
26/09	"	Esc. Ma. Aurita	" " "	---	"
29/09	"	" " "	" " "	---	"
03/10	15:30 às 17:00h	Esc. Manoel Mendes	Distribuição de textos e debates dos mesmos	quadro, texto, giz	90 min.
06/10	"	Esc. Ma. Aurita	" " "	" " "	"
16/10	"	" " "	Semin. s/ avaliação, comem./profess	cartaz, texto	90 min
17/10	"	Esc. M. Mendes	" " "	" " "	"
20/10	"	Esc. Ma. Aurita	Debate sobre seminário	texto	"
23/10	"	" " "	Distrib. de textos e debates	textos	"
24/10	"	Esc. M. Mendes	Debate s/seminário apresentado	textos	"

FICHA DE RELATÓRIO DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE SUPERVISÃO ESCOLAR					
DATA	HORA	LOCAL	ATIVIDADE/METODOLOGIA	RECURSOS.	TEMPO
27/10	15:00 às 17:00h	Esc.M.Aurita	Estudo de textos, debate c/professor	Texto	90 minutos
30/10	15:00 às 17:00h	Esc.Maria Aurita	" " "	" "	" "
05/11	"	" "	" " "	" "	" "
07/11	"	Esc.M.Mendes	" " "	texto,giz,quadro	90 minutos
10/11	"	Esc.M.Aurita	" " "	" "	" "
13/11	"	" "	" " "	" "	" "
14/11	15:00 às 17:00h	Esc.M.Mendes	Apresentação da fita de Luckesi	TV, fita e vídeo	2 horas
17/11	15:00 às 17:00h	Esc.M.Aurita	" " "	" "	" "
20/11	15:30 às 17:00h	" "	Comentário da fita	—	90 minutos
21/11	"	Esc.M.Mendes	" "	—	" "
24/11	"	Esc.M.Aurita	Distribuição de textos e comentário	texto	90 minutos
27/11	"	" "	Estudo de texto	"	90 minutos
28/11	15:00 às 17:00h	Esc.Manoel Mendes	Distribuição e mensagens e encerramento das atividades com uma pequena confraternização.	mensagens	2 horas
01/12	14:00 às 17:00h	Esc. Maria Aurita	Encerramento das atividades com uma palestra ministrada por Socorro Andrade e confraternização	texto	3 horas

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS -PB
CURSO: PEDAGOGIA

AVALIAR UM ATO QUE EXEIGE MUDANÇA

Inicialmente começaremos com o conceito de avaliar e mudar, pois sabemos que a maioria dos professores não avaliam os seus alunos e sim verificam ou melhor medem o nível de conhecimento dos mesmos.

Vejamos: O que é avaliar e o que é medir.

AVALIAR - é um processo amplo, sistemático, contínuo e integral, sendo também funcional; haja visto que se realiza em função dos objetivos propostos. Podendo utilizar-se de descrições quantitativas como qualitativas, envolvendo juízos de valor. Enquanto que MEDIR - é o ato de colher informações e ordená-las levando em conta seu aspecto quantitativo, numérico. Medida implica quantificação, não envolvendo juízos de valor.

Sabemos que a escola reproduz as estruturas sociais como sendo está estruturada na base do incentivo à competição, à suspensão do outro ao saber participar, individualizado, dificultando a interação necessária entre os professores para a problematização das situações.

Então surge a pergunta:

Por que Avaliar?

O ato de avaliar ainda está intimamente ligado, infelizmente à questão aprovação/reprovação. Para muitos professores a prática da avaliação (ou melhor da verificação) está vinculada à medição da quantidade de conhecimentos adquiridos pelos alunos. Avaliar-se para dizer quem "passa" e quem "permanece", para classificar o aluno em bom/ótimo/ruim ou em 10,0/ 5,0 ou zero. Avalia-se para fazer julgamento final (mensal, bimestral, semestral e anual).

Em levantamento realizado verificou-se a visão de alguns professores no sentido de por que avaliar?

* Porque o aluno precisa de uma nota;

TERMÔMETRO EDUCATIVO

A avaliação deve ser encarada como um meio de fornecer informações sobre o processo, tanto para que o professor conheça os resultados de sua ação pedagógica como para o aluno verificar seu desempenho. Temos que entender que avaliar é um processo dentro do processo maior de ensino-aprendizagem, o aluno deve saber o que está ocorrendo, que ele está sendo avaliado a todo momento e que esta avaliação abrange desde a assimilação do conhecimento, cognitivo a atitudes frente ao conhecimento, aos colegas e ao professor.

As avaliações e os seus resultados, quando usado corretamente dentro da perspectiva de processo ensino-aprendizagem, tendem a funcionar como um termômetro que nos mostra a situação deste mesmo processo.

Os maus resultados podem estar acontecendo devido ao tipo de conteúdo desenvolvido e metodologia inadequada e até uma forma errada de avaliar. Ao constatar esses problemas, o professor, então, tem condições de buscar soluções para as causas. É importante dar uma nova oportunidade ao aluno, pois este não deve pagar com notas baixas, um processo mal realizado e mal avaliado. Ao mesmo tempo, bons resultados podem refletir uma eficaz ação pedagógica.

QUALIDADE X QUANTIDADE

Atualmente, a avaliação de aproveitamento estabelece uma importância maior dos aspectos quantitativos sobre os qualitativos. Avaliar qualitativamente significa valer-se não apenas de dados puramente quantificáveis, que podem ser medidos e observados através de testes escritos e orais, mas significa utilizar esses dados dentro de um quadro mais amplo, enriquecido pelo envolvimento, comprometimento e experiência do professor que avalia. Este julgamento torna-se mais global e portanto, no qual o aluno é visto como um todo. Nesta avaliação, o aluno não é colocado numa escala, mas uma determinada situação em relação às experiências do professor e também dele mesmo.

Avaliar desta forma, ou seja, qualitativamente, não é tarefa fácil. O professor deixa de ser mero coletor de dados quantificáveis e torna-se alguém que utiliza sua experiência, sua visão, interpretando os fatos dentro de um quadro referencial de valores que fundamentam sua postura como educador. Este quadro referencial de valores que podem ser estabelecidos a partir de experiências, reflexões, estudos, análises de todos os professores, para que os julgamentos feitos por eles sejam coerentes e levem a uma situação mais justa para o aluno.

Você poderá imaginar que agindo desta forma, facilitará "a vida" do aluno. A questão é fazer avaliações fáceis, desejando do aluno somente o retorno daquilo que já foi dado ou está escrito nos livros. Avaliar não é verificar a reprodução, mas fornecer condições para que o aluno crie algo de novo.

A avaliação deve ser o momento de questionar, de problematizar, de "hipotetizar" o que já foi visto. O professor deverá criar formas de avaliações que levem em consideração o raciocínio do aluno, sua capacidade de produzir novos conhecimentos e de se auto-avaliar. Desta forma, a avaliação, cumpre seu papel no processo de ensino-aprendizagem e estabelece novos caminhos. Assim, a própria avaliação torna-se mais um momento de aprendizagem. O caminho do professor que avalia é o de reavaliar a aplicabilidade de seu método, de suas avaliações e de sua postura enquanto educador.

Vale a pena lembrar que avaliar não é dar somente provas escritas.

O professor deve estar atento para não correr o risco de empobrecer o seu processo avaliatório, aplicando só um tipo de instrumento.

Estando claro para o aluno que a avaliação está presente em todo o processo, ao aplicar uma avaliação específica, o educador deve utilizar várias formas de avaliar. Ora aplicando provas escritas, que por sua vez podem ser preparadas de várias maneiras (solicitando do aluno identificações, comparações, análise de texto, aplicando chamadas orais que podem levar o aluno a expressar suas opiniões, levantar hipóteses, construir novas questões, ora avaliando através de sua participação e atuação e além, é claro, de sua auto-avaliação.

Nesta mesma perspectiva de encarar a avaliação como um processo, o professor deve estabelecer, desde o início, os objetivos, tanto no que se refere a atitudes, como nos referentes ao conhecimento. Deixe claro para o aluno o que você pretende. Abra-se ao diálogo, discuta com os alunos os objetivos. E então, uma atitude de quem não está sozinho e de quem trabalha com o grupo, comprometa-se e os faça comprometer. No cumprimento e na efetivação desses mesmos objetivos.

Enfim, mudar o ritual da avaliação, deixando de encará-la como um fim em si mesmo e vendo-as como um meio no processo de construção do conhecimento, significa dar um grande passo, a mais na mudança pedagógica das escolas do nosso País. É estar a caminho de uma nova educação, comprometida com o educando.

BIBLIOGRAFIAS

A prática pedagógica de professores na escola pública. São Paulo, PUC, 1984. Teste de mestrado em educação.

LIBÂNEO, José Carlos, Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo, edições Loyola, 1984.

OLIVEIRA, Denise Pereira Torres. Avaliação em alfabetização: quantidade x qualidade. In: Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, v. 19(95/96): 15:18, jul/out, 1990.

HOFFMANN, Jussara. Mito & Desafio: uma perspectiva construtivista-Educação realidade, 14. edição. Porto Alegre- RS, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação Educacional escolar: para além do autoritarismo. ANDE. São Paulo. (5): 47-51, 1986.

Avaliação e Aprendizagem. Raízes e Asas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA

A AVALIAÇÃO: um complexo aparelho teórico prático para desmontar e montar de novo.

Mais que se buscar instrumentos novos a serem aplicados na busca do ensino-aprendizagem, necessitamos um novo sistema geral que utilize instrumentos novos advindos dos caracteres de um sistema que insira a educação no contexto social de que faz parte.

A avaliação pois, deve estar prevista para um território muito mais amplo que o tecnicismo que a mediocrise ao plano quantitativo das notas e seletivista aos discentes. A finalidade primordial do avaliar deve ser desenvolvimento qualitativo do aluno, reconhecendo-o como um ser inteligente, cujo potencial pode ser mais e mais abrangido, desde que se dê ao mesmo as chances para tanto, respeitando os seus caracteres próprios e que sendo diversos aos demais colegas não o faz inferior ou superior aos mesmos.

Assim, encontramos a nova definição proposta por Carroli "A aptidão é a quantidade de tempo necessário a quem aprende para dominar uma matéria". Dessa forma, a todo aluno, corresponde a aptidão para aprender, contudo, essa aptidão é diferenciada em cada aluno, exigindo-se por parte do educador que saiba respeitar os caracteres de cada aluno, para que este possa demonstrar a sua competência para aprendizagem, sob pena de comprometê-la.

A avaliação é um aparelho complexo que envolve teoria e prática, fazendo-se necessário conhecer as suas parcelas, dividindo-as e novamente as reagrupando no seu todo.

UM APELO AO PROFESSOR

Acorda, professor!

Acorda, para dares boas-vindas
ao teu dia.

Acorda, para dizeres ao mundo que
não te envergonhas da profissão.

Acorda, para te libertares de pseudónimos,
que aniquila e despersonaliza a tua imagem.

Acorda, para enalteceres e assumires
com afinco a tua identidade.

Acorda, para mudares e politizares
com a tua magia pedagógica o sistema
de educação alienante do país.

Acorda, para lutares com dinamismo e
entusiasmo, em prol da formação
moral, espiritual, social e cultural
da criança.

Acorda, para conquistares, enquanto
há tempo, o teu espaço.

Acorda, para batalhares sem tropeço e
desembaraço, por um Brasil mais justo,
mais fraterno e mais humano.

Acorda, do teu sono profundo
Professor!

Acorda e conclama, num gesto
humilde, corajoso e incessante, os
homens que te relegaram para
fortalecer e valorizar exclusivamente a
tecnologia, que apesar de sôfrego e
relegado, tu és e serás por todo sempre
o mais forte e o mais valioso.

PARABÉNS PROFESSOR

Houve um tempo em que o homem não tinha asa...
o mundo o prendia, atava-lhes os pés.

Houve um tempo em que o mundo não tinha forma...
Não era redondo, não girava. Era um corpo estável.

Houve um tempo em que o corpo era nada, sem contorno, sem peso.
Houve um tempo, ainda em que as janelas não abriam, nem horizonte
havia.

Apenas o mundo... e o homem.
Um frente ao outro, indagando-se mutuamente, calados.
O resto veio depois. A idéia feito sinal, o sinal feito palavra, a palavra
feito lição.

Então o homem se tornou alado e buscou os ares essenciais de sua vida.
O mundo se fez redondo e deixou sua imobilidade.
O corpo cresceu, delineou-se, pesou.
Janelas? Ah!, sim deixaram ver uma reta; até então perdida no infinito.
Mundo e homem em desafio. Este, poço mair de dúvidas;
aquele maior em soluções. Faltava o intermédio; um ponto nítido que não vergasse a
um abaio qualquer; que se prestasse ao papel de ponte.

Par de mãos auxiliares na confecção de asas; força bastante para mover
o mundo, fazer pesar o corpo.

PARABÉNS, professor. Faltava você, que de fato abre janela, e se faz
também credor.

Professor

"Não me ensine nada que eu possa descobrir,
Provoque minha curiosidade.
Não me dê apenas respostas.
Desarrume minhas idéias e me dê somente
pistas de como ordená-las.
Não me mostre exemplos,
Antes me encoraje a ser exemplo vivo de
tudo o que eu possa aprender.
Construa comigo o conhecimento
Sejamos juntos inventores, descobridores,
navegantes e piratas da nossa própria aprendizagem.
Não fale apenas de um passado distante
ou de um futuro imprescindível.
Esteja comigo hoje alternando as sensações
de quem ensina e de quem aprende."

Ivana M. Pontes.

Equipe: Wandirleusa Pinheiro Sarmiento

Vania Suelli Alves

Abilene Pereira de Andrade

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA

TEXTO BÁSICO: O QUE PRÁTICA A ESCOLA. VERIFICAÇÃO OU AVALIAÇÃO?

A intensão desse texto seria tomar um pouco nas mãos o que em geral se faz na escola com a questão da avaliação para a partir daí verificar se isso que nós praticamos de fato é avaliação ou verificação, e, disso tirar algumas consequência práticas pro exercício docente.

O que tem me parecido nesses últimos tempos de trabalho com essa questão da avaliação é que nós todos, eu, vocês, os professores em geral e os educadores em geral desse país temos fetichizado a avaliação, ou seja, temos tomado um avaliação como se ela fosse, a coisa mais importante do processo pedagógico. E isso é tão forte que todos nós, desde o 1o. dia de atividade escolar estamos preocupados com a aprovação ou reprovação.

O que tem polarizado a prática educativa é a aprovação ou a reprovação. E nessa polarização tem feito de exercício aferição do aproveitamento escolar alguma coisa como se ela fosse tudo na prática docente. E com isso se esquece aquilo que é fundamental na escola: ensinar e aprender. O fundamental é ensinar e aprender, não é avaliar! Avaliar é um subsídio. Não é que a avaliação não tenha o seu papel. Tem, sim, mas ela não pode ser aquilo que planeja a prática educativa. Para fazer avaliação é preciso ter clareza do projeto pedagógico que se quer, dos objetivos que se pretende.

O que se faz na escola é a aferição do aproveitamento escolar: 1o. - medida; 2o. transformação da medida em nota ou conceito; 3o. utilização da nota ou conceito.

No caso da avaliação a grandeza medida são os acertos que são estabelecidos em pontos numa tabela de equivalência dos pontos em notas ou conceitos.

Por um desvio fundamental necessitamos fazer média, mas média só pode ser feita com quantidade, não com qualidade.

Quando eu digo avaliação, eu suporia que nota sete é um juízo de qualidade. No entanto, é um juízo de qualidade que indevidamente eu digo que é uma quantidade. Por isso eu posso fazer média. Não dá para fazer média entre uma maçã podre e uma maçã excelente. Jogo a maçã podre no lixo e como a excelente. Como fazer média entre um conceito excelente e um conceito péssimo? Faço porque transformo excelente em 10 e péssimo em 2. Aí, somo e divido por 2 que dá 6. Aquilo que era excelente virou regular e aquilo que não valia nada também virou regular. Então média é uma mentira. Engano do professor, do aluno, da sociedade.

Necessitamos de média porque não trabalhamos com avaliação e sim com verificação que só serve para classificar. É um ato estático.

A avaliação, ao contrário, implica num ato dinâmico, numa tomada de posição.

A constatação não tem consequência, se encerra no ato de constatar e o ato de avaliar implica numa consequência, que é decisão sobre aquilo que se está julgando, avaliando.

Com o mesmo ritual da aferição eu posso fazer avaliação. A diferença é que a avaliação não é classificatória. Ela tem uma dinamicidade.

A verificação não tem consequência para a melhoria do ensino. É preciso tirar consequência significativas para tomar decisões, para o melhoramento. E só melhora pela avaliação. Só a avaliação permite isso.

A verificação tem contribuído psicologicamente para a égide do medo. Ela é taxativa. E medo não serve para nada, a não ser para a organização autoritária da sociedade que pretende controlar as pessoas pelo medo. O que vale para alguma coisa é a coragem, é o enfrentamento.

Pesquisas demonstram que 95% da população é capaz de aprender tudo, depende de tempo e método.

Daí ser necessário deixar de fazer verificação e fazer avaliação. Ou seja diagnosticar e tomar a decisão para melhorar a qualidade do ensino.

É preciso pois, que o educador esteja interessado em que o aluno aprenda. Porque a sociedade brasileira não tem interesse na educação.

O único sentido da escola são os educando. Se tirar os alunos, acaba a escola. E só existe ensino se alguém aprende.

É preciso usar o rigor da ciência e da tecnologia para fazer com que o aluno aprenda. Não dá para só esperar. Quem espera nunca alcança. Tem que construir no dia-a-dia. E a avaliação serve para isso.

A avaliação é subsidiária. É importante mas é servil. Deve ser voltada para a construção de uma consciência clara e universalizada em cada educando que é efetivamente cada cidadão dessa sociedade.

C. C. Luckesi

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA

TEMAS: O FRACASSO ESCOLAR E A AVALIAÇÃO

De início iremos abordar o 1o. tema que é o fracasso escolar e logo após discutir sobre a avaliação que está inter-relacionado com o 1o. tema uma vez que esta reflete e muito a causa do fracasso escolar.

Sabemos que, de acordo com as estatísticas publicadas em nosso país a espantosa realidade do fracasso escolar vem sendo o problema mais agravante da educação brasileira. Com isto pode se imaginar a escola brasileira como um carrossel louco que cospe crianças.

Como explicação de fundo social, são sobretudo as crianças provenientes das camadas populares e do meio rural que fracassam na escola e são forçadas a interromper seus estudos.

São marginalizados da escola porque a sua bagagem, a cultura do meio de que provém, não é a cultura adequada, esperada e exigida pela escola o que diferencia da criança da classe média, por exemplo: que é favorecida economicamente e que encontra na escola o padrão desejável por ela, ou seja, a educação compensatória como as crianças pobres ficam abaixo desse padrão é necessário oferecer-lhe programas que compensem o que lhes falta. Isto é para que essas crianças, venham acompanhar os programas, currículo e as normas da escola.

Esta educação compensatória é criticada devido a mesma não questionar a escola como um todo, e sim questiona e quer mudar o aluno e seu meio social.

Destacando um outro ponto contribuinte para o fracasso escolar que é a escola, uma outra linha de pensamento diz que a pobreza não é o único responsável

pelo fracasso, trazendo à baila a escola, onde sutilmente, através de sua linguagem, sua natureza, seus valores e suas práticas marginalizam a criança pobre.

É na 1a. série primária que inicia-se o processo de divisão das crianças segundo suas origens de classe, é nesta série especificamente que encontramos os maiores índices de reprovação. Verifica-se que este é o resultado de um inter-relacionamento mau sucedido entre o aluno que provém de determinados meios sociais e a instituição escolar.

É preciso que a escola entenda seu papel social e sua função numa sociedade composta de grupos muitos diferentes, e que veja as suas normas currículo, exigências arbitrárias de avaliação, programas mal dosados, professor despreparado, etc. Tudo isto contribuem para que as crianças saídas da escola levando consigo a marca da humilhação do fracasso, convencidas de que se deram mal porque são menos bem dotadas, menos inteligentes e capazes do que as outras.

De tudo foi argumentado até aqui iremos falar de um certo número de professores que propõe agrupamentos de classes homogêneas ou heterogêneas com o objetivo de diminuir os outros índices de "repetência", ou seja, do "fracasso escolar" nas primeiras séries.

Alguns professores propõe o argumento heterogêneos recomendando ser um benefício maior para os alunos fracos, em que estes irão usufruir do auxílio dos colegas mais fortes.

Um outro maior número de professores sugerem com maior frequência a formação de classe homogêneas dizendo que, nesta os alunos usufruem de maiores vantagens didático pedagógica, maior aprendizagem, rendimento, motivação, etc e que em contra partida consultas feitas nas classes heterogêneas mostram que os alunos sofrem desvantagens em relação ao que acabamos de citar, isto é, são prejudicados e os professores têm mais trabalho.

Como consequência de agrupamento homogêneos a prática mostra que nas atuais condições em que se encontra a escola e a formação dos professores de 1o. grau, a formação de grupos dessa natureza tem conduzido a um processo seletivo pelo qual alunos "fortes" acabam se distanciando cada vez mais dos que compõe as classes "fracas".

Tal distanciamento resulta das condições criadas pela escola que não favorece o trabalho com as classe fracas, e que as excluem.

Supõem-se que entre os poucos professores que trabalham com classes homogêneas, aquelas com pouco de experiência a escola atribui-lhes turmas

homogêneas "fracas". Esta suposição sendo correta implica que as classes fracas são duplamente penalizadas; categorizadas como incapazes, deficiência, fracasso, etc atribuindo também ao professor como sendo incapazes de superar as suas próprias deficiências e dos seus alunos.

Por outro lado, a formação de agrupamentos heterogêneos conta com a resistência dos professores devido o acúmulo de trabalho e pelo desgaste que esses agrupamentos trazem e também valendo lembrar que não há ensino de qualidade e menor seletividade, isto devido o professor não dá conta das condições internas e externas.

A AVALIAÇÃO

A avaliação é um dos valores que contribuem para a reprovação (fracasso escolar) e também para o avanço do aluno, em que depende do juízo do professor, da participação dos alunos na sala de aula, etc.

→ Sabemos que a promoção do aluno é condição de um mesmo poder ver coisas novas, formar experiências novas em sua vida, a reprovação é uma forma de tirar do aluno a chance de tentar algo novo, o que é consequência da maneira tradicional de avaliar onde o professor muitas vezes não leva em conta o progresso do aluno, a relação mútua entre aspectos quantitativos.

A prática da avaliação reflete exatamente o fracasso escolar por reduzir-se à sua função de controle, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativo as notas das provas, onde nem sempre a nota, prova ou avaliação correspondem a uma forma de medir conhecimentos intelectual de uma criança por exemplo: muitas vezes tudo isto são instrumentos de controle do professor para punir alunos tidos como maus, que as vezes são os criativos. Analizando por outro ângulo, a avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente de trabalho descente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Devendo lembrar que , a reprovação deverá ser um fato raro excessão muito bem justificada, e não regra comum.

O professor deverá usar todos os tateios para não reprovar, a não ser que o aluno não desenvolva o mínimo de progresso ou não tenha expectativas de progredir.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS-PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA

A DIFÍCIL TAREFA DE AVALIAR

María Margarete dos S. Forster

O que é avaliação?

Avaliar é julgar. Um julgamento de valores, tendo por base um padrão considerado ideal. Esse padrão não é um padrão rígido, mas flexível conforme os tempo. De um modo geral, quem estabelece este padrão é o professor. A avaliação é estabelecida sempre quando se tem em vista uma ação já realizadora, uma ação em realização ou uma ação a ser realizada.

SUBJETIVISMO

Como a avaliação é um julgamento, a subjetividade está muito presente. Isto pode ser muito bom ou muito ruim. Em todo o caso, sendo sempre um sujeito, uma pessoa que avalia, fará com que ela seja sempre subjetiva. É óbvio que toda a pessoa que se propõe a avaliar alguém tem que estabelecer parâmetros claros para tal pois irá estabelecer juízo de valores. Normalmente o que acontece é o seguinte: o professor passa a conferir um grau, uma nota ou conceito, sobre um trabalho realizado. Torna a avaliação apenas uma comunicação de resultados. E fica nisso. Na verdade, o que o professor deveria fazer é avaliar todo o processo de ensino, permitindo que seja feito um diálogo sobre os resultados conseguidos. Isto é possível quando, ao invés de fornecer apenas um conceito estático, o professor permite discutir com os alunos os resultados obtidos. Muitos professores dão apenas conceitos e não questionam as provas, tornando-se senhores da "subjetividade" o que, na verdade, passa a ser uma

arma ameaçadora para os alunos. É importante, pois, que seja mantida a subjetividade, mas que o diálogo sobre os resultados da avaliação sejam constantes. Até mesmo, se necessário, para reformular os instrumentos de avaliação.

DESCONTRAÇÃO

A interação entre professor e aluno é fundamental no processo ensino-aprendizagem. A manutenção de um clima afetivo é fundamental. Com ele o aluno se sente confiante e não temeroso diante do professor. É incrível como os alunos têm medo do professor. Este temor cresce em intensidade quando mais avançam nos graus de ensino. O que também se percebe é que os alunos ficam em pânico até que o professor não faz a primeira prova. Por quê? Porque eles querem saber como o professor avalia. Eu acho que eles têm direito disso. Enquanto o professor faz da prova um mistério para os alunos, a interação não acontece. É preciso deixar bem claro que nenhum instrumento de avaliação é eficiente se não for previamente assimilado pelos alunos. Ele deve surgir como uma decorrência natural dentro do processo de ensino.

AUTORITARISMO

Há professores que conseguem levar o ensino de uma forma mais democrática e na hora de avaliar são autoritários. Isso acontece porque a avaliação é ainda muito concebida como uma arma de que o professor dispõe. Dificilmente o professor quer abrir mão dela. É bom lembrar que não podemos assumir uma posição autoritária avaliando ou não avaliando. Quando o professor simplesmente passa toda a responsabilidade da avaliação para o aluno e se baseia unicamente com conceitos que o aluno emite, ele está sendo autoritário. Omitir-se em avaliar o aluno também é uma forma de autoritarismo. Muitos professores fazem isso e, se o aluno não se sair bem acabam dizendo: olha, você não se avaliou bem!

Há também muita confusão entre autoritarismo e disciplina. A disciplina é importantíssima dentro de uma sala de aula. Sem ela ninguém consegue fazer nada; há um descomprometimento geral. A disciplina é fundamental para que se crie um clima organizado de trabalho. As pessoas que estão dentro de uma sala de aula precisam se sentir à vontade para trabalhar. Tudo o que se faz tem que ser organizado, do contrário

MUITOS ALUNOS

Há outra questão que dificulta a avaliação: o número excessivo de alunos dentro de uma sala de aula. Muitos professores se veem com 50,60,70 alunos para avaliar. Parece-me que, na conquista de um melhor, a redução do número de alunos é uma variável fundamental. Dificilmente, havendo muitos alunos numa sala, ele poderá avaliar adequadamente o aprendizado de cada um.

O que acontece, nestes casos, é que se recorre ao Conselho de Classe. Este é feito com base em pareceres prontos, onde cada aluno é avaliado segundo itens pré-estabelecidos. Esses itens são os mesmos de décadas atrás, sem que tenham sido renovados. Os professores restringem a avaliação à parte cognitiva à nota e dão pareceres, já pré-estabelecidos, à parte afetiva e psicomotora. É um absurdo total. Do ponto de vista de tempo é uma economia total, mas não reflete o grau de evolução que o educando atingiu.

Acho que os professores têm que se preparar mais tecnicamente em termos de avaliação. Os instrumentos utilizados para avaliar são mal elaborados. Os professores não conhecem e não sabem elaborar boas questões. Improvisação é uma constante. Ao corrigir as questões, o professor, muitas vezes, se surpreende com uma delas errada por todos os alunos. Então, o professor não se dá conta de verificar se não houve má formulação da questão. Se, ao longo do processo, a questão foi trabalhada. Nunca se deveria usar questões que não foram desenvolvidas durante as aulas. Nas provas deveríamos usar sempre aquelas operações trabalhadas durante o processo. Os alunos têm que exercitar, praticar as diferentes atividades e exercícios que posteriormete são solicitados em provas. A prova não deve ser uma armadilha.

Eu fico muito preocupado quando percebo que há professores que só descarregam conteúdos sobre, os alunos. Acham que é função do professor descarregar informações. Olham para a cara do aluno e ele, silencioso, anotador, permanece estático do início ao fim da aula. O professor julga que houve entendimento. Mas, será isso verdade? É bom lembrar que quando só se dá informação o aluno não vai aprender.

AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Durante o processo, é também importante que o professor seja avaliado. Cada professor deve descobrir os melhores meios de ser avaliados pelos alunos. Os depoimentos destes auxiliam muito. A abertura para as discussões e crítica dos alunos é fundamental. Normalmente o professor não gosta de ouvir críticas, o que é um erro. Deveria haver constantes diálogos na sala. Ao final de cada período ou, necessariamente ao longo do bimestre ou semestre, formular questões para que o aluno diga os aspectos negativos e positivos do professor. Este deve ser abertura para aceitar as sugestões. Tem professor que se julga dono do campinho e fala, fala um semestre todo sem permitir espaço para perguntas. O professor que não se expõe a uma avaliação, temendo que destruam a única arma de que dispõe que é a aula expositiva, tem que mudar de ramo. a crítica é importantíssima para avaliar todo o processo.

Existem instituições que, ao longo de um ano, realizam uma avaliação geral dos professores. Colhem opiniões de alunos das últimas turmas sobre o desempenho dos professores. Encaminham, posteriormente, os resultados ao professor que está de férias para que reflita sobre os aspectos avaliados. Através desta avaliação, a escola passa a selecionar mais os professores e a permitir que somente continuem aqueles que exercem maior interação e diálogo na escola.

REPROVAÇÃO EM MASSA

Sempre que houver uma massiva reprovação, há o sintoma de que algo não vai bem. Neste caso, nem professor e nem alunos tem que se dar por satisfeitos. Tem que se descobrir quais são as causas e deixá-las claras para os alunos e professor. É por isso que se insiste na avaliação como diagnóstico. Fracassa o professor que roda a metade da turma e não avalia por que isso aconteceu. É preciso apurar porque isso aconteceu. Pode ser que os instrumentos utilizados para a avaliação não tenham sido adequados, ou que os alunos não tenham entendido o conteúdo.

Tenho observado que disciplinas como matemática, física, química reprovam mais do que as disciplinas humanísticas. Alguns professores gostam de ter o rótulo de "reprovador". Esse é um péssimo sintoma. Há uma imagem errada de que as disciplinas mais exatas são mais difíceis e precisam ser mais estudadas. Chega-se ao extremo, em certas escolas, de ceder espaço aos alunos estudarem estas disciplinas em horários ocupado por outras da área humanística. O professor que fizer isso está desvalorizando sua própria matéria e mostra sua ineficiência.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA

PROPOSTA DE AVALIAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA:
(proposta Construtivista)

- Oportunização de vivências através das quais a criança possa ampliar suas descobertas sobre o mundo;
- Ação educativa baseada na confiança nas possibilidades das crianças e valorização de suas manifestações e interesses;
- Organização de oportunidades de:
 - * Conhecimento social, físico, lógico-matemático, espaço-temporal e representação.

Concepção de criança

- Avaliação como acompanhamento no processo de desenvolvimento;
- Observação da criança fundamentada no conhecimento de suas etapas de desenvolvimento;
- Oportunização de novos desafios com base na observação e reflexão teórica;
- Registro das manifestações das crianças e de aspectos significativos de seu desenvolvimento;
- Diálogo frequente e sistemático entre os adultos que lidam com a criança e os pais ou responsáveis.

Por uma ação Libertadora

A avaliação importa para uma educação libertadora, onde o seu papel não seja o de apresentar verdades autoritárias, mas investigar, problematizar e

principalmente, ampliar perspectivas no sentido de transformação, é a partir da ação coletiva e consensual dos professores que isso poderá acontecer.

Em oposição à visão liberal.

Avaliação numa visão liberal.

- * Ação individual e competitiva;
- * Concepção classificatória, senteciva;
- * Intenção de reprodução das classes sociais;
- * Postura disciplinadora e diretiva do professor;
- * Privilégio à memorização;
- * Exigência burocrática periódica.

Avaliação numa visão Libertadora

- * Ação coletiva e consensual;
- * Concepção investigativa, reflexiva;
- * Proposição de conscientização das desigualdades sociais e culturais;
- * Postura cooperativa entre os elementos da ação educativa;
- * Privilégio á compreensão;
- * Consciência crítica e responsável de todos, sobre o cotidiano.

A reconstrução da avaliação não acontecerá por experiências isoladas ou fragmentadas, mas por uma ação continuada e que ultrapasse os muros das instituições e transforme-se numa força que influencie a revisão dos significados sociais e políticos das exigências burocráticas da avaliação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS - PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA

UMA DEFINIÇÃO DE AVALIAÇÃO ESCOLAR

Segundo o professor Cipriano Carlos Luckesi, a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho. Os dados relevantes se referem às várias manifestações das situações didáticas, nas quais o professor e os alunos estão empenhados em atingir os objetivos de ensino. A apreciação qualitativa desses dados, através da análise de provas, exercícios, respostas dos alunos, realização de tarefas, etc, permite uma tomada de decisões para o que deve ser feito em seguida.

Pedemos, então, definir a avaliação escolar como um componente de processo de ensino que visa, através da verificação e qualificação dos resultados obtidos, determinar a correspondência destes com os objetivos propostos e, daí orientar a tomada de decisões em relação às atividades didáticas seguintes.

Nos diversos momentos de processo de ensino, são tarefas de avaliação; a verificação, a qualificação e a apreciação qualitativa.

- *Verificação*: coleta de dados sobre o aproveitamento dos alunos através de provas, exercícios e tarefas ou de meios auxiliares, como observação de desempenho, entrevistas etc.

- *Qualificação*: comprovação dos resultados alcançados em relação aos objetivos e, conforme o caso, atribuição de notas ou conceitos.

- *Apreciação qualitativa*: avaliação propriamente dita dos resultados, referindo-os a padrões de desempenho esperado.

A avaliação escolar cumpre pelo menos três funções: pedagógico-didática, de diagnóstico e de controle.

A função *pedagógica-didática* se refere ao papel da avaliação no cumprimento dos objetivos gerais e específicos da educação escolar. Ao se comprovar

sistematicamente os resultados de processo de ensino, evidencia-se ou não o atendimento das finalidades sociais do ensino, de preparação dos alunos para enfrentarem as exigências da sociedade, de inseri-los no processo global de transformação social o de propiciar meios culturais de participação ativa nas diversas esferas da vida social. Ao mesmo tempo, favorece uma atitude mais responsável do aluno em relação ao estudo, assumindo-o como um dever social. Cumprindo sua função didática, a avaliação contribui para a assimilação e fixação, pois a correção dos erros cometidos possibilita o aprimoramento, a ampliação e aprofundamento de conhecimentos e habilidade e, desta forma, o desenvolvimento das capacidades cognitivas.

A função de diagnóstico permite identificar progressos e dificuldades dos alunos e a atuação de professor que, por sua vez, determinam modificações do processo de ensino para melhor cumprir as exigências dos objetivos. Na prática escolar cotidiana, a função de diagnóstico é mais importante porque é a que possibilita a avaliação do cumprimento da função pedagógico-didática e a que dá sentido pedagógico à função de controle. A avaliação diagnóstica ocorre no início, durante e no final do desenvolvimento das aulas ou unidades didáticas. No início, verificam-se as condições prévias dos alunos de modo a prepará-los para o estudo de matéria nova. Esta etapa inicial é de sondagem de conhecimentos e de experiências já disponíveis bem como de provimentos dos pré-requisitos para a sequência da unidade didática. Durante o processo de transmissão e assimilação é feito o acompanhamento do progresso dos alunos, apreciando os resultados, corrigindo falhas, esclarecendo dúvidas, estimulando-os a continuarem trabalhando até que alcancem resultados positivos. Ao mesmo tempo, essa avaliação fornece ao professor informações sobre como ele está deduzindo o seu trabalho: andamento da matéria, adequação de métodos e materiais, comunicações com os alunos, adequabilidade da sua linguagem, etc. Finalmente, é necessário avaliar os resultados da aprendizagem no final de uma unidade didática, do bimestre ou de ano letivo. A avaliação global de um determinado período de trabalho também cumpre a função de realimentação do processo de ensino.

A função de controle se refere aos meios e a frequência das verificações e de qualificações dos resultados escolares, possibilitando o diagnóstico das situações didáticas. Há um controle sistemático e contínuo que ocorre no processo de interação professor-alunos no decorrer das aulas, através de uma variedade de atividades, que permite ao professor observar como os alunos estão conduzindo-se na assimilação de conhecimentos e habilidades e no desenvolvimento das capacidades mentais. Neste

caso, não se deve quantificar os resultados. O controle parcial e final se refere a verificação efetuadas durante o bimestre, no final do bimestre e no final de semestre ou ano, caso a escola exija o exame final.

Essas funções atuam de forma interdependente, não podendo ser consideradas isoladamente. A função pedagógico-didática está referida aos próprios objetivos do processo de ensino e diretamente vinculada às funções de diagnóstico e do controle. A função diagnóstica se torna esvaziada se não estiver referida à função pedagógica-didática e se não for cumprida de dados e alimentação pelo acompanhamento do processo de ensino e diretamente vinculada às funções de diagnóstico e do controle. A função diagnóstica se torna esvaziada se não estiver referida à função pedagógica-didática e se não for suprida de dados e alimentada pelo acompanhamento do processo de ensino que ocorre na função de controle. A função de controle, sem a função de diagnóstico e sem o seu significado pedagógico-didático, fica restringida à simples tarefa de atribuição de notas e classificação.

AValiação Na Prática Escolar

A prática da avaliação em nossas escolas tem sido orientada sobre tudo por reduzir-se à sua função de controle, mediante a qual se faz uma classificação quantitativa dos alunos relativa às notas que obtiveram nas provas. Os professores não têm conseguido usar os procedimentos de avaliação - que, sem dúvida, implicam o levantamento de dados por meio de testes, trabalhos escritos etc - para atender a sua função educativa. Em relação aos objetivos, funções e papel da avaliação na melhoria das atividades escolares educativas, têm-se verificado na prática escolar e alguns equívocos que convém explicitar.

O mais comum é tomar a avaliação unicamente como o ato de aplicar provas, atribuir notas e classificar os alunos. O professor reduz a avaliação à cobrança daquilo que o aluno memorizou e usa a nota somente como instrumento de controle. Ainda hoje há professores que se vangloriam por deter o poder de aprovar ou reprovar. Quantas vezes se ouvem afirmações inteiramente falsas sobre o que se deve ser um trabalho docente de qualidade, como por exemplo: "o ensino naquela escola é muito puxado, poucos alunos conseguem aprovação". Tal idéia é descabida, primeiro porque a atribuições de notas visa apenas o controle formal, com objetivo classificatório e não educativo é o veridicto do professor sobre o grau de adequação e conformidade do

aluno ao conteúdo que transmite. Essa atitude ignora a complexidade de fatores que envolve o ensino, tais como os objetivos de formação, os métodos e procedimentos de professor, a situação social dos alunos, as condições e meios de organização de ensino, os requisitos prévios que têm os alunos para assimilar intelectual, as dificuldades de assimilação devidas as condições sociais, econômicas, culturais adversas dos alunos. Ao frizar critérios do desempenho unilaterais, o professor avalia os alunos pelo seu mérito individual, pela sua capacidade de se ajustarem aos seus objetivos, independentemente das condições de ensino e dos alunos e dos fatores externos e internos que interferem no rendimento escolar.

O outro equívoco é utilizar a avaliação como recompensa aos "bons" alunos e punição para os desinteressados ou indisciplinados. As notas se transformam em armas de intimidação e ameaça para uns e prêmios para outros. É comum a prática de dar e tirar "ponto" conforme o comportamento do aluno, ou a preocupação excessiva pela exatidão da nota, às vezes reprovando alunos por causa de décimos. Nestas circunstâncias, o professor exclui o seu papel de docente, isto é, e de assegurar as condições e meios pedagógicos-didáticos para que os alunos sejam estimulados e aprendam sem necessidade de intimidação.

O terceiro equívoco é o dos professores que, por confiarem demais em seu "olho clínico", dispensa verificações parciais no decorrer das aulas. Neste caso, o prejuízo dos alunos é grande, uma vez que o seu destino costuma ser traçado logo nos primeiros meses do ano. Os condenados à repetência são isolados no canto da sala de aula e, não raro, abandonam a escola.

O quarto equívoco é daqueles professores que rejeitam as medidas quantitativas de aprendizagem em favor de dados qualitativos. Consideram que as provas de escolaridade são prejudiciais ao desenvolvimento autônomo das potencialidades e da criatividade dos alunos. Acreditam que, sendo a aprendizagem decorrente preponderantemente da motivação interna do aluno, toda situação de prova leva à ansiedade, à inibição e ao cerceamento do crescimento pessoal. Por isso, recusam qualquer quantificação dos resultados.

Os equívocos aqui apontados mostram duas posições extremas em relação à avaliação escolar: considerar apenas os aspectos quantitativos ou apenas os qualitativos. No primeiro caso, a avaliação é vista apenas como medida e, assim, mal utilizada. No segundo caso, a avaliação se perde na subjetividade de professores e alunos, além de ser uma atividade muito fantasiosa quanto aos objetivos da escola e a natureza das relações pedagógicas.

O entendimento correto da avaliação consiste em considerar relação mútua entre os aspectos quantitativos e qualitativos. A escola cumpre uma função determinada socialmente, a de introduzir as crianças e jovens no mundo da cultura e do trabalho; tal objetivo social não surge espontaneamente na experiência das crianças jovens, mas supõe as perspectivas traçadas pela sociedade e um controle por parte do professor. Por outro lado, a relação pedagógica requer a interdependência entre influências externas e condições internas dos alunos; o professor deve organizar o ensino, mas o seu objetivo é o desenvolvimento autônomo e independente dos alunos.

Desse modo, a qualificação deve transformar-se em avaliação, isto é, numa apreciação qualitativa dos resultados verificados.

É verdade que a atitude de dar notas somente com base em provas escritas tem limitações. As provas frequentemente são empregadas apenas para medir capacidade de memorização. Os livros didáticos e as tarefas dadas pelos professores estão repletos de exercícios desse tipo. Os professores, por sua vez, tem dificuldades em avaliar resultados mais importantes do processo de ensino, como a compreensão, a originalidade, a capacidade de resolver problemas, a capacidade de fazer relações entre fatos e idéias etc.

Entretanto, as provas escritas e outros instrumentos de verificação são meios necessários de obtenção de informações sobre o rendimento dos alunos. A escola, os professores, os alunos e os pais necessitam da comprovação quantitativa e qualitativa dos resultados de ensino e da aprendizagem para analisar e avaliar o trabalho desenvolvido. Além disso, por mais que o professor se empenhe na motivação interna os alunos, nem sempre conseguirá deles o desejo espontâneo para o estudo. As crianças precisam de estimulações externa, precisam sentir-se desafiadas a fim de mobilizarem sua energias físicas e intelectuais.

Portanto, se os objetivos e conteúdos são adequados às exigências da matéria e as condições externa e internas de aprendizagem dos alunos e se o professor demonstra um verdadeiro propósito educativo, as provas dissertativas ou objetivas, o controle de tarefas e exercícios de consolidações e outros tipos de verificação são vistos pelos alunos como efetiva ajuda ao seu desenvolvimento mental, na medida em que mostram evidências concretas da realização dos objetivos propostos.

CARACTERÍSTICAS DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Podemos, agora, sistematizar as características mais importantes da avaliação escolar.

REFLETE A UNIDADE OBJETIVOS-CONTEÚDOS-MÉTODOS

A avaliação escolar é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, e não uma etapa isolada. Há uma exigência de que esteja concatenada com os objetivos-conteúdos-métodos expressos no plano de ensino e desenvolvimento no decorrer das aulas. Os objetivos explicitam conhecimentos, habilidades e atitudes, cuja compreensão assimilação e aplicação, por meio de métodos adequados, devem manifestar-se em resultados obtidos nos exercícios, provas, conversação didática, trabalho independente etc.

Um aspecto particularmente relevante é a clareza dos objetivos pois os alunos precisam saber para que estão trabalhando e no que estão sendo avaliados.

POSSIBILITA A REVISÃO DO PLANO DE ENSINO

O levantamento das condições prévias dos alunos para iniciar nova matéria, os indícios de progresso ou deficiências detectadas na assimilação do conhecimentos, as verificações parciais e finais são elementos que possibilitam a revisão do plano de ensino e o encaminhamento do trabalho inerente para a direção correta. Não apenas nas aulas, mas nos contatos informais na classe e no recreio, o professor vai conhecendo dados sobre o desempenho e aproveitamento escolar e crescimento dos alunos.

A avaliação ajuda a tornar claros os objetivos que se quer atingir. No início de uma unidade didática, o professor ainda não está muito seguro de como atingir os objetivos no decorrer do processo de transmissão e assimilação. À medida que vai conduzindo o trabalho e observando a reação dos alunos, os objetivos se vão clarificando, e que possibilita tomar novas decisões para as atividades subsequentes.

AJUDA A DESENVOLVER CAPACIDADES E HABILIDADES

Todas as atividades avaliativas concorrem para o desenvolvimento intelectual, social e moral dos alunos, e visam diagnosticar como a escola e o professor estão contribuindo para isso. O objetivo de processo de ensino e de educação é que todas as crianças desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais, seu pensamento independente e criativo tendo em vista tarefas teóricas e práticas, de modo que se preparem positivamente para a vida social. A avaliação deve ajudar todas as crianças a crescerem; os ativos e os apáticos, os espertos e os lentos, os interessados e os desinteressados. Os alunos não são iguais, nem no nível sócio-econômico nem nas suas características individuais. A avaliação possibilita o conhecimento de cada um da sua posição em relação à classe, estabelecendo uma base para as atividades de ensino e aprendizagem.

VOLTAR-SE PARA A ATIVIDADE DOS ALUNOS

A avaliação do rendimento escolar deve centrar-se no entendimento de que as capacidades se expressam no processo da atividade do aluno em situações didáticas. Por essa razão, é insuficiente restringir as verificações a provas no final de bimestre.

SER OBJETIVA

A avaliação deve ter caráter objetivo, capaz de comprovar os conhecimentos realmente assimilados pelos alunos, de acordo com os objetivos e os conteúdos trabalhados. Isso não significa excluir a subjetividade de professor e dos alunos, que está sempre presente na relação pedagógica; mas a subjetividade não pode comprometer as exigências objetivas - sociais e didáticas - inerentes ao processo de ensino. Para garantir a exigência de objetividade, aplicam-se instrumentos e técnicas diversificadas de avaliação.

AJUDA NA AUTOPERCEPÇÃO DO PROFESSOR

A avaliação é, também, um termômetro dos esforços do professor. Ao analisar os resultados de rendimento escolar dos alunos, obtém informações sobre o desenvolvimento do seu próprio trabalho. O professor pode perguntar-se: Meus objetivos estão suficientemente claros? Os conteúdos estão acessíveis, significativos e bem dosados? Os métodos e os recursos auxiliares de ensino estão adequados? Estou conseguindo comunicar-me adequadamente com todos os alunos? Estou dando a necessária atenção aos alunos com mais dificuldades? Ou estou dando preferência só aos bem-sucedidos, aos mais dóceis e obdientes? Estou ajudando os alunos a ampliarem suas aspirações, a terem perspectivas de futuro, a valorizarem o estudo?"

REFLETE VALORES E EXPECTATIVAS DO PROFESSOR EM RELAÇÃO AOS ALUNOS.

Os conhecimentos, as habilidades, as atitudes e os hábitos, bem como a maneira de ser de professor, indicam as crenças e propósitos em relação ao seu papel social e profissional diante dos alunos. Se o professor dá mostras de desatenção à criança pobre ou mal-sucedida, isso pode estar indicando uma discriminação social com essa criança. Se não se empenha na organização dos alunos, nos hábitos de higiene, no relacionamento entre as crianças, indica que não valoriza esses aspectos. Atitudes de favoritismo por certos alunos, de preconceito social, de ironia em relação ao modo de os alunos se expressarem, etc. São antidemocráticas, portanto deseducativas.

A avaliação é um ato pedagógico. Nela o professor mostra as suas qualidades de educador na medida em que trabalha sempre com propósitos definidos em relação ao desenvolvimento das capacidades físicas e intelectuais dos alunos face às exigências da vida social. Entretanto, o fato do processo de avaliação ter como referência os objetivos do ensino não significa que estes possam ser determinados apenas com base na matéria do programa oficial ou de livro didático. Os objetivos devem expressar também as reais possibilidades dos alunos do modo que estejam em condição de cumprir as exigências colocadas pela escola.

A avaliação escolar, portanto, envolve a objetividade e a subjetividade, tanto em relação ao professor como aos alunos. Se somente levar em conta aspectos objetivos, acaba tornando-se mecânica e imparcial; atende-se somente às necessidades e condições internas dos alunos, pode comprometer o cumprimento das exigências sociais requeridas da escola.

Para superar criativamente essa aparente ambigüidade entre o objetivo o subjetivo, o professor precisa ter convicções éticas, pedagógicas e sociais. Ao fazer a apreciação qualitativa dos resultados escolares, levará em conta os seus propósitos educativos. O fato de o aluno ser pobre não justifica tolerância com um desempenho escolar fraco, pois o professor deve exigir de todos uma sólida assimilação de conhecimentos. Por outro lado, não é democrático estabelecer objetivos cujo alcance esteja acima das reais possibilidades dos alunos. Nem por isso, postos determinados objetivos, devem-se rebaixar as exigências em termos de rendimento escola.

INSTRUMENTO DE VERIFICAÇÃO DO RENDIMENTO ESCOLAR

A avaliação é um processo contínuo, a verificação e a qualificação visam sempre diagnosticar e superar dificuldades, corrigir falhas e estimular os alunos a que continuem dedicando-se aos estudos.

Principais instrumentos e procedimentos de verificação do rendimento escolar.

- PROVA ESCRITA DISSERTATIVA - conjunto de questões ou temas que devem ser respondidos pelo alunos com suas própria palavras.

- PROVA ESCRITA DE QUESTÕES OBJETIVAS - ao invés de respostas abertas pede-se que o aluno escolha uma resposta entre alternativas passíveis de respostas.

- QUESTÕES CERTO -ERRADO (C OU E) - o aluno escolhe a resposta entre duas ou mais alternativas. Cada item é uma afirmação que pode estar certa ou errada.

- QUESTÕES DE LACUNAS (para completar) - são compostas de frases incompletas, deixando um espaço em branco (lacuna) para ser preenchido com uma só resposta certa.

- QUESTÕES DE CORRESPONDÊNCIA - são elaboradas fazendo-se duas listas de termos ou frases. Na coluna da esquerda (A) são colocados conceitos, nomes próprios ou frases, cada um com uma numeração. Na coluna da direita (B), colocam-se respostas fora de ordem, para que o aluno numere a resposta que corresponde à numeração da coluna (A).

- QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA - são compostas de uma pergunta, seguida de várias alternativas de respostas. Há mais de uma alternativa correta.

- QUESTÕES DO TIPO "TESTE DE RESPOSTAS CURTAS" OU DE EVOCAÇÃO SIMPLES - são os testes escolares comuns.

- QUESTÕES DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO - são perguntas feitas com base num trecho escrito ou uma frase.

- QUESTÕES DE ORDENAÇÃO - A questão apresenta uma série de dados fora de ordem e o aluno deve ordená-los na sequência correta.

- QUESTÕES DE IDENTIFICAÇÃO - questões para identificar partes, por exemplo, da flor, do corpo humano (num gráfico) localização de capitais ou acidentes geográficos.

OBSERVAÇÕES SOBRE PROVAS ESCRITAS

* Não é correto aplicar provas se não há garantias de êxito da maioria da classe;

* É imprescindível recordar a matéria, dar muitos exercícios, aplicar provas parciais, observar o rendimento dos alunos e fazer entrevistas para identificar causas de rendimento baixo;

* A extensão da prova varia de acordo com a finalidade;

* O professor deve dar instruções claras e seguras de como as questões podem ser respondidas.

* Se a prova for datilografada ou copiada por outra pessoa, é necessário fazer a revisão do estêncil ou do original antes de tirar as cópias definitivas.

PROCEDIMENTOS AUXILIARES DE AVALIAÇÃO

A observação - extrai dados que permite um melhor conhecimento dos alunos individualmente e da classe como grupo, para aperfeiçoar o processo de ensino aprendizagem, onde o professor tira conclusões após observar os alunos em várias situações, de forma que o resultado da observação seja mera opinião, mas uma avaliação fundamentada.

A entrevista - técnica simples e direta de conhecer e ajudar a criança no desenvolvimento escolar. Requer um relacionamento amigável do professor com a criança, deixá-la falar a maior parte do tempo.

Ficha sintética de dados dos alunos.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CAMPUS V - CAJAZEIRAS -PB
DISCIPLINA: PEDAGOGIA**

O SENTIDO DOS GANSOS

No outono, quando se vê bandos de gansos voando rumo ao sul, formando um grande "V" no céu, indaga-se o que a ciência já descobriu sobre o porque de voarem desta forma. Sabe-se que quando cada ave bate as asas move o ar para cima, ajudando a sustentar a ave imediatamente de trás! Ao voar em forma de "V", o bando se beneficia de pelo menos 71% de força de voo do que uma ave voando sozinha.*

Pessoas que têm a mesma direção e sentido de comunidade podem atingir seus objetivos de forma mais rápida e fácil, pois viajam beneficiando-se de um impulso mútuo.

Sempre que um ganso sai de bando, sente subitamente o esforço e resistência necessárias para continuar voando sozinho. Rapidamente, ele entra outra vez em formação para aproveitar o deslocamento de ar provocado pela ave que voa imediatamente à sua frente.

Se tivéssemos o mesmo sentido dos gansos, manter-nos-íamos em formação com os que lidam o caminho para onde também desejamos seguir. Quando o ganso líder se cansa, ele muda de posição dentro da formação e outro ganso assume a liderança.

Vale apenas nos revesarmos em tarefas difíceis, e isto, serve tanto para as pessoas quanto para os gansos que voam rumo ao sul.

Os gansos de trás gritam, encorajando os da frente para que mantenham a velocidade.

Que mensagem passamos quando gritmos de trás?

Finalmente, quando um ganso fica doente, ou é ferido por um tiro e cai, os gansos saem de formação e o acompanham para ajudá-lo e protegê-lo. Ficam com ele até que consiga voar novamente, ou até que morra. Só então levantam vôo sozinhos em outra formação afim de alcançar o bando.

SE TIVÉSSEMOS O SENTIDO DOS GANSOS
TAMBÉM FICARÍAMOS UM AO LADO DO OUTRO ASSIM!